

POVO

ALGARVIO

Memorário Regionalista

Director, Editor e Proprietário
Manuel Virgínio Pires

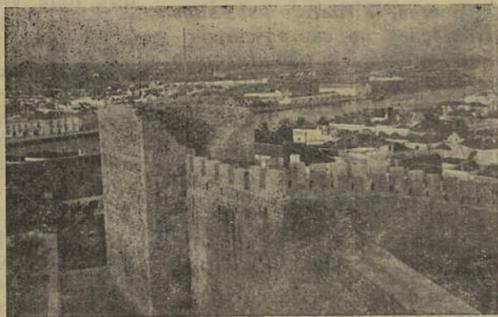
Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13-Telef. 127-TAVIRA

Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO» - Telefone 266 - TAVIRA

A Escola Técnica de Tavira

é hoje solenemente inaugurada

COM a presença do sr. Dr. António Baptista Coelho, ilustre Governador Civil do Distrito, de S. Ex.ª Rev.ª o sr. D. Francisco Rendeiro, Bispo da Diocese, e doutras entidades oficiais, será inaugurada hoje, solenemente, a Escola Técnica de Tavira, que funcionará no antigo Palácio da Galeria, que acaba de ser restaurado para o fim.



As vetustas muralhas de Tavira

É Director da Escola, conforme já informámos os nossos leitores, o sr. Engenheiro Agrónomo Arnaldo Rodrigues de Sousa, professor de Ensino Técnico, antigo director da Escola Agrícola D. Dinis, na Paia, e inspector do extinto Ministério da Agricultura. Foi bolseiro do Instituto de Alta Cultura no Estrangeiro, onde se especializou em «Educação Agrícola». Foi também professor da Escola de Regentes Agrícolas «Vieira Machado», em Angola.

É também Engenheiro Sívicultor e possui as especializações de Patologia Vegetal e de Estudos Tropicais, da Universidade Técnica de Lisboa.

É Director da Sociedade Histórica da Independência de Portugal. Foi elemento directivo da Federação Portuguesa de Futebol em 1934 e 1935 e é autor de diversas publicações.

O primeiro Director da nossa Escola Técnica é um mestre sabedor e muito competente e, por isso, Tavira orgulhosamente depõe nas suas mãos o problema instrutivo de alguns dos seus filhos.

A inauguração da Escola Técnica de Tavira é, pois, o epílogo de uma grande tarefa, a realização duma justa pretensão dos tavirenses que assinala a letras de ouro a passagem do sr. Dr. Jorge Correia pelas cadeiras do nosso Município.

Continua na 4.ª página

Feira de S. Francisco

Realiza-se nos próximos dias 4, 5 e 6 de Outubro, a tradicional e importante Feira de S. Francisco, que atrai a Tavira alguns milhares de forasteiros.

Como de costume, será o fulcro de importantes transacções, além de proporcionar, com os seus circo e outras diversões, algumas horas de recreio espiritual para todos aqueles que a visitarem.

TROVA

Os teus olhos sonhadores,
Que são a graça dos meus,
Não querem morrer de amores,
Vivem na graça de Deus...

Isidoro Pires

Os que lutam e os que fugiram

Sr. Director — De entre os milhares de militares que em África lutam por um Portugal uno e indivisível, eu sou um. E é quanto me basta para vir falar um pouco sobre coisas desta terra de Angola.

Falarei dum assunto que julgo nunca ser demais abordar, por nele se tratar do dever dos indivíduos para com a defesa da integridade da Nação.

É o assunto dos portugueses (e) que um dia, em busca de grandeza, vieram de abalada para esta querida terra lusitana. É o assunto daqueles que devem ao solo desta África e ao suor alheio que tão bem souberam aproveitar, os favores irrisgatáveis duma fortuna e duma posição social que humanamente nunca teriam atingido.

Pois esses, no momento em que o Governo da Nação grita bem alto o apelo para que se reünam esforços nesta hora difícil, fugiram. Sim, fugiram.

Continua na 3.ª página

SAUDADE

LONGE de mim o propósito de atacar ou defender o Poeta, o Crítico ou o Arguente, no que refere a «Carta» publicada no número anterior deste jornal.

O motivo de se tratar do tema «liciente que é a Saudade, me trouxe o desejo de sobre ele escrever uma pequena palavra.

Citava-se no aludido artigo os versos: «A Saudade é a distância / dum amor que já morreu» e punha-se em confronto com outro verso muito conhecido: «Saudade, gosto amargo de infelizes».

Chamava-se às afirmações contidas nos versos, definições. Está bem? Empréstimo a um sujeito qualquer atributo é, só por si, defini-lo? Não será mais cabal que, em vez de definições, se diga considerações de carácter poético, figuras literárias, comparações ou imagens?

Dizer que a saudade é distância dum amor que já morreu, cientificamente, não seria exprimir-se com propriedade. Logicamente poderá demonstrar-se que saudade não é distância...

Continua na 2.ª página

Abalo Sísmico

Na noite de 28 de Setembro, pelas 23.28, sentiu-se nesta cidade um abalo sísmico, felizmente sem consequências.

S. Gonçalo de Lagos, precursor medieval dos pedagogos modernos

Comunicação apresentada ao I Colóquio Gonçalino por Antero Nobre

POR deferência do seu autor para com o «Povo Algarvio», publicamos a seguir umas das interessantes comunicações apresentadas pelo nosso prezado colaborador Antero Nobre

gias que lhe fizeram todos os participantes no colóquio, que intervieram na respectiva discussão, nomeadamente os srs. Drs. Alberto Iria e J. Fernandes Mascarenhas, Major Nascimento Moura,



Lagos — Praia de D. Ana

ao I Colóquio Gonçalino, recentemente realizado em Lagos, e que ali obteve grande êxito, bem patente nos aplausos que recebeu da numerosa assistência à sessão em que foi lida e nas referências elo-

General Leonel da Costa Lopes

Tem estado no Algarve, a proceder ao estudo da rectificação da cobertura do Guadiana, o sr. General Leonel Aleluia da Costa Lopes, ilustre Comandante-Geral da Guarda Fiscal e nosso prezado amigo.

Rev.ªs padres Oliveiros de Jesus e Saturnino Casas, etc. Além da comunicação que a seguir publicamos, intitulada S. Gonçalo de Lagos precursor medieval dos pedagogos modernos, Antero Nobre apresentou ainda no Colóquio mais três comunicações, intituladas

Continua na 4.ª página

Hora de Inverno

Os relógios atrasaram uma hora, estabelecendo-se assim a Hora de Inverno.

“O quanta species”

Meu Caro Virgínio Pires:

COMEÇO por lhe agradecer a atenção que teve para comigo. Eu podia lá desejar que a edificante carta do sr. Dr. Francisco Dias da Costa não fosse publicada!...

Em primeiro lugar, pelos seus profundos ensinamentos e brilhantes conceitos, ela é a nítida fotografia do seu autor, não contando com a irrepreensível correcção que se nota através de todo o seu conteúdo.

Depois, constituía (ela, a carta) a maneira de «fazer barulho» em volta do meu nome, de mim que tão desconhecido sou em Tavira, terra que apenas conheço há uns dois ou três anos e onde, até hoje, (mau grado meu) apenas con-

segui a amizade de uns dois cavalheiros ou, até, de um apenas.

Deste modo, com a edificante carta do meu Hiper Crítico eu tinha a excepcional ocasião de chamar sobre mim as atenções gerais e de passar, de vago desconhecido, a conhecido de ginjeira!...

Finalmente os ensinamentos que essa edificante carta — edificante repito — ministrava a todos os tavirenses, no número dos quais incluo o meu e o seu nome, eram transcendentes, grandiosos, geniais, numa palavra, altíssimamente importantes.

Mais uma razão, pois, para eu não impedir que o meu Excelso Censor cedesse ao Virgínio Pires, a mim e a todos os tavirenses em geral uma parcela do seu profundíssimo saber.

Repare o meu Ex.ª Amigo naquele profundo ensinamento da «comidela» do «t» do Garrett (agora escrevo assim

Continua na 2.ª página

Grande festival de ciclismo

na Pista de Tavira

REALIZA-SE no próximo dia 5 de Outubro, um grandioso festival ciclista na excelente Pista do Ginásio C. de Tavira, no qual colabora a valorosa equipa do Futebol C. do Porto.

Porto e Tavira numa grande prova desportiva.

O Futebol Clube do Porto apresenta os seus ases: Mário Silva, vencedor da última Volta a Portugal, Sousa Cardoso, José Pacheco e Carlos Carvalho e o Ginásio a sua equipa de independentes: estreando-se nessa mesma categoria o jovem e promissor ciclista Octávio Trinta.

Haverá provas de eliminação, critérium perseguição e em linha. Também se disputarão provas nas categorias de populares, iniciados e amadores.

Este festival, dada a categoria dos participantes, vai, decerto, despertar grande interesse nos meios desportivos algarvios.

É bom salientar que acontecimentos desportivos da categoria deste que vai realizar-se no próximo dia 5 de Outubro, (dia de feira), na pista do Ginásio, só de longe em longe poderão presenciar-se.

É o Sul e o Norte, com os seus melhores valores numa grandiosa competição.

CONVITE

O Director da Escola Técnica de Tavira pede a comparação dos Encarregados de Educação dos alunos, à sessão solene de abertura deste estabelecimento de ensino, a qual se efectuará no próximo domingo, 1 de Outubro, pelas 16 horas, no edifício escolar. Tavira, 28 de Setembro de 1961.

Arnaldo Rodrigues de Sousa

(Engenheiro-Agrónomo e Professor do Ensino Técnico)

S. Gonçalo de Lagos, precursor medieval dos pedagogos modernos

Continuação da 4.ª página

Referindo-se a esses métodos medievais de educação e ensino, aliás praticamente vigentes em quase todo o mundo até, pelo menos, aos começos do século XIX, escreveu um dia certo pedagogo inglês que procuravam educar pelo terror; esse pedagogo, que inventou há cinquenta anos um sistema educativo ainda hoje, nos meios da especialidade, considerado genial, afirmou, mesmo, que procurava, com o seu sistema, opôr à educação pelo terror, a educação pelo amor!

S. Gonçalo de Lagos, que na sua infância possivelmente frequentara a *Catequese* desta sua terra natal e seguiu depois, jovem ainda, estudos escolares em Lisboa, mesmo antes de ingressar na Universidade, se não fôra educado e instruído em tais métodos, não os devia pelo menos ignorar ou desconhecer, quando se fez catequista do povo torreense; mas, seriam esses, também, os métodos que ele próprio usava no seu ensino, sobretudo no ensino de crianças, que absorvem por completo os últimos dez anos da sua vida terrena?

3.ª — Não me alongarei na pesquisa em todos os autores que deste aspecto da personalidade gonçalina trataram, porque isso levaria tempo de que não disponho agora, e limito-me a folhear as obras clássicas de D. Frei Aleixo de Menezes, Frei António da Purificação, Frei Manuel de Figueiredo e Frei Pedro de Sousa. Delas e acerca da actividade educativa de S. Gonçalo de Lagos, recolho sem dificuldade e em síntese, o seguinte: — as suas «devotas pregaçãoes aos meninos», isto é, as suas lições de catequese às crianças eram, como diz um daqueles cronistas, «familiares e acomodadas às suas idades»; — conhecendo que «para as crianças toda a coisa de si é desgostosa», ao que afirma outro cronista, «para que não fugissem dele trazia sempre as mangas do hábito cheias de pedaços de pão e de fruta e de outras coisas com que os pequeninos folgavam»; — e trazia também, garantindo ainda outro cronista, «verónicas, contas e registos, que ele mesmo debuxava com os meninos, nos retalhos de pergaminho que lhe sobravam dos livros do coro, e dando-lhes esses mimos, porque lhes ensinava depois as orações e devoções, que fugissem de travessuras e que fossem muito devotos e obedientes a seus pais e todos os demais conselhos que os podiam aproveitar e criar em temor de Deus»; — e as crianças, acrescenta o mesmo cronista, mal o viam na rua, logo se lhe juntavam e «se juntavam a brincar com ele, como se fôra outro da sua idade, tirando-lhe uns pelo hábito, outros pelo capelo, e fazendo-lhe travessuras, as quais todas consentia o Servo de Deus (...), tofrendo todas as momicas dos meninos, à conta de lhe sofrerem seus sisos e ensino».

Nestas poucas palavras — e mais não é preciso procurar — está, *inteirinho*, aquilo a que hoje, poderíamos chamar o *método de ensino* de S. Gonçalo de Lagos; e está também, sem dúvida nenhuma, uma autêntica, uma enormíssima, *revolução* nos métodos de ensino da sua época!

4.ª — Perante o que nos revelam os cronistas e acabo de resumir, e pegando na palavra do pedagogo inglês que anteriormente citei, eu poderia agora talvez limitar-me a afirmar, por ser isso bem evidente, que afinal S. Gonçalo de Lagos, muitos séculos antes desse mesmo pedagogo, já opunha a educação pelo amor à educação pelo terror. Atrevo-me, porém,

a ir um pouco mais longe.

Foi o pedagogo polaco Milos B. Dvorack, se bem me recordo, que disse um dia, acerca do genial criador do Escotismo, textualmente isto: «Baden Powell fez a maior descoberta de todos os tempos: descobriu a criança!»; mas, Dvorack enganava-se, pois S. Gonçalo de Lagos já fizera essa descoberta no século XVI com efeito, se substituirmos pela equivalente terminologia pedagógica moderna as palavras imprecisas e as expressões ingénuas usadas pelos cronistas quando querem dizer-nos o que fazia S. Gonçalo de Lagos para ensinar doutrina e moral às crianças, e as razões porque o fazia — encontrar-nos-emos em face de um conceito de criança surpreendente, para a sua época, por ser antagónico do então vigente, e só quase seis séculos mais tarde ganharia foros de cidade nas escolas de todo o mundo; perante um conceito de criança em que já se considera esta, tal como hoje em dia, com gostos, desejos e preocupações diferentes das coisas de si que preocupam e ocupam os homens, com uma mentalidade diferente da dos adultos e própria dos poucos anos de idade, com uma propensão para os jogos e brincadeiras e uma irreverência que não são de estranho ou reprimir e antes de aceitar e sofrer, como naturais e peculiares da infância e adolescência. E veremos simultaneamente, com não menor pasmo, que há quase seiscentos anos, lutando de certo modo com os conceitos e preconceitos do seu tempo, sem qualquer preparação ou conhecimentos que pudéssemos designar hoje como científicos ou pedagógicos, por uma intuição genial — como diria um apologeta da pedagogia laica — ou porque era um Santo — como eu me atrevo a afirmar — S. Gonçalo de Lagos já usava o que incontestavelmente, podemos chamar, ao menos, o embrião de todos esses métodos que celebrizaram em nossos um Pestalozzi e um Froebel, um Ferriere e um Claparede, Maria de Montsori e Decroly, Baden Powell e os seus discípulos.

Tenho imensa pena de que a falta de tempo me não permita provar aqui à sociedade o que afirmo, por meio de um estudo comparativo minucioso do *método Gonçalino* e dos métodos das *escolas novas*; e não possuo infelizmente títulos suficientes para pedir aos meus ouvintes que me abram um crédito ilimitado a tal respeito... Mas, porque andei mais de vinte anos pelo *Escotismo* como dirigente, publiquei já uma boa meia dúzia de trabalhos sobre o método de Baden Powell e tive a honra de ensinar pedagogia escotista, durante alguns anos, numa escola superior do nosso País, ousou esperar que me acreditem, sem mais justificação, quando afirmo que pelo menos o *método escotista* e o *método Gonçalino* se identificam perfeitamente. Amando as crianças, acarinhando-as, brincando com elas, sofrendo-lhes compreensivamente as puerilidades e até destas tirando partido, falando-lhes na sua linguagem, vivendo as suas aspirações e gostos e aproveitando-os mesmo como meio de lhes ministrar ensinamentos práticos e normas de conduta, fazendo-se meirinho entre os meninos e construindo com a sua ajuda as próprias *ferramentas* do ensino, — ensinavam S. Gonçalo de Lagos e Lord Baden Powell, à distância de seis séculos um do outro. Portanto, se Baden Powell é ainda considerado *urbí et orbí* como um dos esportos máximos da pedagogia dos nossos



Pela Província

Vila Nova de Cacela

Inauguração da Luz Eléctrica — Com a presença dos srs. Governador Civil do Distrito, Presidente e Vereadores da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, Deputado Eng.º Sebastião Garcia Ramirez, Presidente da Comissão Distrital da União Nacional e muito povo, foi no passado Domingo solenemente inaugurada a electricidade, melhoramento de grande interesse para a freguesia. No Casino da Praia da Manta Rota, foi servido um beberete, onde usaram da palavra os srs. Matias Gomes Sanchez Presidente da Camara Municipal, Alexandrino Guerreiro Cavaco, Presidente da Junta de Freguesia, Dr. José Colaço Fernandes, pela Junta de Turismo e, por último, o Governador Civil Dr. Baptista Coelho. Findo o beberete que decorreu em grande animação o Governador Civil e comitiva retiraram para Faro.

Além das autoridades acima citadas visitaram-nos e assistiram ao beberete os seguintes srs.: Comandante de Companhia da Guarda Fiscal de Vila Real de St.º António, Comandante de Secção da G.N.R., Capitão do Porto, Chefe da P.I.D.E. em Vila Real de Santo António, Comandante dos Bombeiros de Vila Real de St.º António, Dr. José Isidro Farrajota Rocheta, Dr. Raúl Prazeres, Dr. Francisco Dias Cavaco, Jacinto Figueiredo, Presidente da Junta de Freguesia de Vila Real de St.º António e ainda muitos comerciantes e proprietários desta freguesia.

Melhoramento — Consta-nos que é hoje inaugurado o Café, que dizem denominar-se «O Carlitos» propriedade do comerciante sr. João Silva Conceição, melhoramento que há muito se fazia sentir e que vem de encontro ao progresso da freguesia. O novel Café encontra-se apetrechado com modernas máquinas e um aparelho de televisão, que é o primeiro instalado nesta freguesia. Parabéns pela iniciativa. — C.

Arrenda-se

Uma horta no sítio da Maragota, denominada «Areirs», com moradia nova para caseiro, ramada, nora nova com motor e grande abundância de água e um pomar com passagem de 400 laranjeiras.

Quem pretender dirija-se a José Adriano da Cruz Mendonça, estação da C.P. em Monte Gordo, ou na referida propriedade.

tempos, S. Gonçalo de Lagos terá sido, sem dúvida nenhuma, um longüquo mas lido precursor medieval dos pedagogos modernos.

5.ª — Termino. Mas, não o farei formulando uma conclusão ou emitindo um voto, e nem sequer manifestando um desejo; exteriorizarei apenas, em meia dúzia de palavras singelas, uma não menos singela aspiração, certamente a de todos os algarvios que reconhecem em S. Gonçalo de Lagos um lido precursor medieval dos pedagogos modernos e o mais alto valor do património espiritual do Algarve, e nele vêm consequentemente o melhor Patrono ou Padroeiro — que o mesmo é dizer: o melhor exemplo a seguir e o melhor guia — da juventude da nossa Província. Ei-la:

— Que S. Gonçalo de Lagos possa continuar como Patrono das Catequeses Algarvias, mesmo para além deste ano das Comemorações do VI Centenário do seu Nascimento;

— Que S. Gonçalo de Lagos possa ser proclamado Patrono dos Escoteiros Católicos da Diocese do Algarve;

— Que S. Gonçalo de Lagos possa ser estudado e apontado como exemplo de sentidade e também como exemplo de condutor de crianças (pedagogo), nos organismos escolares da Acção Católica da Diocese do Algarve, mormente nos que são constituídos por futuros professores.

Antero Nobre

SAUDADE

Continuação da 1.ª Página

À faculdade de transportarmos para o plano actual um evento quando colocado em tempo pretérito, chama-se vulgarmente recordação.

Ao agrado que tal transposição provoca, chamamos «saude».

Este agrado contudo traz em si um veio doloroso, pois em vez duma repetição real, só fornece a imagem virtual da sensação que desejaríamos tornar a viver.

Saude não se concebe sem separação e se há separação é que há também distância.

Não parecerá então estranho que o Poeta se servisse duma figura literária — sinédoque — com a mesma naturalidade duma simples lavradora, que afirma: — Quero vender algumas galinhas porque tenho a capoeira cheia de bicos.

Não dizemos novidade nenhuma quando lembramos que os poetas, situando as suas afirmações no campo convencional e emotivo, não aferem o significado das palavras pelo rigorismo da linguagem científica.

Nem conviria à justiça que andássemos a caçar todos os termos impróprios das comparações poéticas da língua a uns poetas e a outros não.

E todos os poetas, por isso mesmo que o são, arvoram as suas comparações aos pincairos da maior beleza que concebem.

Abro ao acaso Pascoais, o filósofo-poeta da Saudade e, na «Estrela da Manhã», principia: «Venus, sorriso e lágrima da dor, / Na rouidão brumosa da Distância».

Linda comparação, mas a verdade é que Venus não é sorriso nem lágrima!

Estes distúrbios da linguagem poética, tão encantadores, têm sido conduzidos a tal abuso que há senhor poeta que expende absurdo adiante de absurdo, exagero atrás de exagero, a ponto de nem ele próprio saber o que diz.

É que nesta época de divulgação todos querem ser Virgílio, todos querem ser Moniz Barreto, todos querem ser Descartes, Cícero ou Picasso.

É que haverá mal nisso?

* * *

Outra coisa que não percebemos é porque o amor que morreu não pode deixar saudade. Se o amor é o objecto amado, não há-de deixar saudade a sua morte? É boa!

É se o amor é o próprio affecto, uma vez morto, também deve deixar saudade a recordação duma ingenuidade que em certo tempo nos deu a noção de ventura, mesmo illusória...

É porque todos os povos e animais a sentem, não pode a saudade ser um sentimento bem português?

Desde o formidável Traga-Moios, vencido de saudades pela sua Oriana, até ao último poeta ainda de cueiros; desde D. Duarte, el-Rei Saudade, até ao mais humilde pecador, curtindo saudades dos seus, nos bancos da Terra Nova, desde as meninas românticas, bordando inutilidades deliciosas com a divisa «saude», traçada a oiro dos seus cabelos, entre miosotis e amores-perfeitos, até aos respeitáveis filósofos do «Saudosismo»; desde o oleiro que gravou no barro do pucarinho a mais doce palavra do seu parco vocabulário, até ao filólogo erudito que se embrenha em cogitações acerca da origem do vocabulo, todos os portugueses ostentam o culto pelo termo que define um estado de alma indefinido.

Quem não desfolha uma saudade à beira da sepultura dum amigo?

Quem, ao escrever uma carta familiar, a não enche de

«O Quanta Species»

Continuação da 1.ª Página

por que já sei que se escreve com dois tt).

Vê? Se não fosse a edificante carta (edificante insisto) do meu Preclaríssimo Censor, nem nós, nem alguém em Tavira, descobriria que Garrett se escreve com dois TT — Dois, repare bem!...

Agora, porém, tudo se esclareceu.

De dedo indicador erguido, mostrando o seu enormíssimo talento como diria o Eça, o meu Inclito Censor, veio ensinar o que nos era inteiramente desconhecido, ou seja, que Garrett se escreve com dois tt.

Foi ou não foi útil a publicação de tão edificante carta?

Para quê, portanto, a «Nota da Redacção», atribuindo a gralha maldita a omissão de um dos dois citados TT?

Não, meu caro Amigo: tenhamos a franqueza de dizer que nem eu, nem V., nem o tavirense por mais culto que fosse, sabia que Garrett se escrevia com dois TT.

Para nós — eu, V. e os demais tavirenses — Almeida Garrett (como descobri eu que ele, o Garrett, se apelidava também de Almeida?) era totalmente desconhecido, principalmente para V. que nunca frequentou o Liceu e para mim que jamais entrei num estabelecimento de ensino, secundário ou superior.

Agora, sim! Agora todos ficaram a saber que Garrett se escrevia com dois tt, graças ao genial talento do meu transcendente Censor.

Mas já que V. quiz atribuir aos tipógrafos a horrível omissão do célebre t, permita-me que agora a estes me dirija.

Senhores Tipógrafos: Tenham cautela, muita cautela, não se amanhã Vocês omitirem o F de Francisco, o M de Manuel ou o J do Joaquim, terão imediatamente o ora meu Ilustríssimo Censor a ensinar, alto e bom som, que Francisco leva l, que Manuel compreende um M e que Joaquim se escreve com J. Atenção, portanto.

Por tudo isto, meu Caro Virgínio Pires, a publicação da edificante carta (novamente edificante) do meu Venerando Censor foi altamente salutar e sobejamente útil: — quod erat demonstrandum...

Mas não posso perder mais tempo. Continuarei próximamente e não no próximo número, como se diz nos folhetins.

E continuarei, porque há mais e melhor, para mostrar a utilidade da publicação de tão edificante carta.

Seu amigo ex-corde

Carlos Picoito

saudades para toda a parentela e vizinhança?

Quem, no cantinho mais cuidado do seu pensamento, não cultiva as magoadas saudades, rouxas como a distância e como aquelas florinhas também chamadas escabiosas que crescem espontaneamente pelas abas dos cerros aguarrelados de leve neblina?

Não saberíamos nem poderíamos apresentar aqui as dimensões específicas do panorama intelectual e emotivo que esta simples palavra portuguesa pode suscitar à experiência do pensador.

Às filósofos caberia, por exemplo, perguntar (ai delas, a filosofia ainda não passou das pesquisas às definições) se a saudade conduz o facto, do passado ao presente, ou nos leva do presente ao passado; o que por outras palavras quer dizer: se é a vida que flui e se renova de continuo à nossa volta, ou se nós é que passamos no continente estático e imutável.

M. G.

Os que lutam e os que fugiram

Continuação da 1.ª página

para a Metrópole, fugiram para o estrangeiro. Foram nos seus «Chevrolet» de luxo, num «Super-Constellation» ou na primeira classe de algum paquete. Cobardes. Traidores. Nojentos. Abandonaram fazendas ricas e prósperas, como o abutre abandona a presa porque já tem o papo cheio e algum perigo se avizinha. Deixaram-nas porque sabem que o militar, empregando o seu amor pátrio na defesa do nome de Portugal em África empreza simultaneamente esse esforço na defesa daquilo que lhes pertence.

E eles aguardam. Aguardam impávidos e serenos na banca de algum casino — se o escudo não é já moeda estrangeira — ou nalguma estância termal, e nós aqui.

Defender a Pátria. Como nós teríamos tanto mais orgulho em defendê-la, se ao nosso lado, bem firmes e confiantes, e como nós dispostos ao sacrifício da própria vida, estivessem esses cavalheiros, com um aceno de simpatia para com os militares e uma bala na arma para o invasor. Mas não. Mas infelizmente não. Lutamos contra o terrorismo e lutamos contra a ideia de que há qualquer coisa que não está bem, que não está certo e que ninguém tenta solucionar, pondo termo ao refúgio de traidores ou confiscando as suas propriedades, já que as abandonaram como alguém que põe no lixo uma coisa que não presta.

Se ao militar que luta pela integridade da Nação é exigido pôr em jogo toda a sua moral, fé e boa-vontade, por que se consente que certos cidadãos se acobardem perante esse dever de bons portugueses? Aca-so esqueceram que eles também já foram militares? Se assim é, foi mentira o acto em que, quando militares, esses portugueses juraram perante a bandeira verde-rubra serem-lhe fiéis até à última gota de sangue. E, se a eles consentem que esse juramento seja falseado, por que exigem que o nosso seja seguido religiosamente? Não serão eles tão portugueses como nós?

As ideias às vezes traem o espirito. Mas não. Nunca. Aqui nesta terra bem portuguesa, neste solo já regado pelo sangue das gentes de Mouzinho, não há fracos a defendê-la. Há um punhado de homens de boa vontade, um punhado de homens que acima

O livro «VERSOS» do Poeta Isidoro Pires, encontra-se à venda na Redacção do «Povo Algarvio»

O serviço ferroviário de Fim de Semana é económico e repousante

Em qualquer estação do ano as estações ferroviárias estão às ordens de V. Ex.ª para lhe venderem bilhete de «fim-de-semana», pois durante o ano há 52 «fins-de-semana» e o direito de repousar conquista-se pelo trabalho, que é uma instituição universal do ano inteiro.

Mas V. Ex.ª só pode descansar na descontração, Descontração significa ausência de preocupação, des, musculoso lassos sob o domínio de um espírito tranquilo que não recia os caminhos pelos quais se meteu.

Os Caminhos de Ferro podem assegurar-lhe essa tranquilidade com a maior economia.

Compre bilhete de «fim-de-semana» desde as 17 horas de sexta-feira até às 12 horas de domingo (se a sexta-feira for dia de feriado oficial, pode adquiri-lo desde as 17 horas da quinta-feira anterior) e regressar desde as 12 horas de domingo até às 24 horas da segunda-feira seguinte (se a segunda-feira for dia de feriado oficial, pode regressar até às 12 horas de terça-feira seguinte).

Os preços dos bilhetes, por passageiro e quilómetro de ida e volta, são os seguintes:

Em 1.ª classe	— \$73.6
2.ª	> — \$64
3.ª	> — \$48

Estes preços, de ida e volta, de base quilométrica constante, multiplicam-se pelo número de quilómetros do percurso simples para o qual se adquire bilhete.

Um bilhete de ida e volta a preço tão baixo abre a V. Ex.ª o caminho repousante para «Fim-de-Semana» sem problemas!

Vá, utilize todas as semanas este serviço C. P.

Arrenda-se

Uma horta com abundância de água, motor, pomar de laranjeiras com 20 alqueiros de semente e casa de habitação no sítio da Maragota, Areias.

Tratar com Joaquim António Gaspar — Pereirinhas — Moncarapacho.

Despedida

Partiu para Angola, para junto de seu marido, a sr.ª D. Célia Raimundo Silva, onde fixa residência. Na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem, por este meio, despedir-se de todas as pessoas conhecidas e oferecer os seus préstimos em Negage.

Encontra-se

No Posto da Polícia dois calções de banho. Será entregue a quem provar pertencer-lhe.

dos interesses pessoais põem os interesses da sua Pátria e que jamais se diminuirão perante a renúncia de traidores e de mal intencionados, Deus perdoou a Judas que o vendeu.

Portugueses! Desprezai essa corja que traiu a nossa terra, — Luis Manuel Costa Santos — Negage.

Noticias Pessoais

Aniversarios

Fazem anos:

Hoje — D. Lidia Marques Pereira, D. Maria Helena dos Santos, D. Estela Júlia Pires Faleiro e os srs. José António de Oliveira e António dos Santos Belezas.

Em 2 — D. Maria Antonieta Guimarães Fernandes Trindade, Menina Maria Gabriela Martins Fernandes e os srs. Jorge da Conceição Carvalho e Manuel Tavares Vizete Guerreiro.

Em 3 — D. Maria Antonieta Corvo Reis Trindade, Meninas Ana Paula Amaro Dias, Maria Cristina Pires Ribeiro, Menino Lúcia Manuel da Trindade Bernardo e os srs. Francisco José Guimarães Vieira, Tenente Francisco Solésio Padinha e José Joaquim Guerreiro.

Em 4 — D. Maria Odete de Oliveira Matos e os srs. Fernando Manuel Vieira, Joaquim António Menau e Alberto Pereira.

Em 5 — D. Justina Plácida Peres, D. Maria Antónia Neto e os srs. José Gomes Gonçalves Carlota, Rui Maria Baptista Peres, Manuel Mário Leiria de Oliveira e José Mendonça Viegas.

Em 6 — D. Maria da Fê Henrique Patarata, D. Maria José do Carmo Santos, Meninas Maria Odília Gonçalves Garcia e os srs. Sebastião José da Luz e João Bruno Rocha Prado.

Em 7 — D. Maria da Luz Nascimento Abreu, D. Maria Virginia Pinto Conceição e o sr. António Matos Júnior.

Partidas e Chegadas

De visita a sua família esteve nesta cidade o nosso conterrâneo sr. Jorge Eleutério Oliveira Cruz, informador fiscal em Elvas e antigo redactor desportivo do nosso jornal.

Com sua esposa regressou da Mealhada, onde esteve, conforme noticiámos a dirigir a agência daquela localidade por motivo de inspecção, o nosso prezado amigo sr. José Emídio Fernandes Sotero, conceituado Gerente da Agência do B. N. U. nesta cidade.

Encontra-se nesta cidade com sua esposa, o nosso conterrâneo sr. Edmundo Chagas, há anos residente no estrangeiro.

Com sua esposa regressou de Sintra, onde foi passar alguns dias, o nosso assinante sr. João Segismundo Real, funcionário municipal, aposentado.

A fim de se juntar a seu esposo seguiu para Angola a nossa conterrânea sr.ª D. Célia Raimundo Madruga da Silva.

Regressou de Lisboa onde foi passar uns dias com seus primos, a menina Maria da Fê Henrique Lagoas Albino, estudante, filha do sr. José Albino, funcionário público, nesta cidade.

Doente

Com sua esposa e filho seguiu para a capital a fim de procurar alívio para a sua doença, o sr. Capitão Jorge Filipe Ribeiro, abastado proprietário, director da Companhia Balsense e antigo Presidente da Câmara de Tavira.

PRÉDIO

Aluga-se 1.º andar na Rua Dr. Parreira, 36.

Quem pretender dirija-se por telefone ao n.º 151 Tavira.

Vende-se ou Arrenda-se

Na Luz de Tavira, próximo da igreja paroquial, uma oficina que igualmente pode servir para qualquer outro ramo de negócio, dada a sua excelente localização.

Quem pretender dirija-se á sua proprietária, Maria Virginia Mendonça, Rua Dr. Oliveira Salazar — Luz de Tavira.

Arrenda-se

Uma courela de terra, de sequeiro, no sítio do Arroio, denominada «As Ondas».

Quem pretender dirija-se á sua proprietária, Maria Virginia Mendonça, — Luz de Tavira.

Emílio Campos Coroa

Médico especialista

Doenças dos Olhos

Consultas em Tavira, no Montepio dos Artistas, todas as sextas-feiras pelas 11 horas

Crónica Literária

A chamada literatura de ficção científica experimentou notável incremento nos últimos quinze anos, principalmente após o fantasmagórico surto epidémico dos discos voadores, que vultos proeminentes da intelectualidade mundial chegaram a considerar mensageiros de outras humanidades pensantes e actantes. Entre esses expoentes da vida intelectual, lembramo-nos de Aquilino, que confessou, em editorial de importante rotativo lisboeta, estar absolutamente convencido da procedência extra-terrestre dos famigerados discos. Hoje, todas essas audaciosas hipóteses nos fazem sorrir, por si mesmos que se tratava simplesmente de experiências militares com mísseis teleguiados ou não.

Todavia, quando o surto — sugestivo capítulo da guerra de nervos — dominava os espíritos alarmados dos terrícolas, não admira que a atenção dos escritores se voltasse para a velha e famosa tese da pluralidade dos mundos habitados — tese que fornecia um filão inesgotável. Já outros escritores, franceses, americanos e ingleses — com H. G. Wells à frente — haviam tentado o género, mas foi realmente depois dos discos voadores que surgiram nos países de língua inglesa e francesa autênticas legiões de escritores de viva imaginação exacerbada por onirismo verdadeiramente delirante.

O aparecimento desta literatura de ficção científica — hoje no apogeu — coincidiu com a decadência da literatura policial. Os escritores do país onde a profissão esbérica representa um alto valor comercial, notaram que o público leitor estava cansado dos romances criminais e trataram de confeccionar produtos literários que lhe fornecessem uma porta de evasão, um estímulo para o sono, uma suculenta dose de «maravilhoso». Aque-la dose de maravilhoso por que anseia toda a alma.

Quando a literatura policial estava florescente pelo orbe, não faltaram investigadores emperhadados em descobrir pergaminhos históricos para el. Os menos ambiciosos filiaram a sua ilustre genealogia em Edgard Poë. Outros foram mais longe: entroncaram-na em Voltaire. Com a literatura científica está sucedendo o mesmo. Há quem veja em Ciarano de Bergerac o seu mais ilustre precursor. Há quem recue muito mais no passado histórico e situe a sua origem nos próprios produtos da literatura europeia. Para estes, Homero seria o fundador deste género literário, com a «Ilíada» e a «Odisséia», cujo «maravilhoso» é parente próximo do «maravilhoso» da ficção científica dos nossos dias.

A literatura de ficção científica divide-se em dois grandes ramos: o retrospectivo e o profético ou de antecipação. Qualquer deles já produziu verdadeiras obras-primas. Quer a acção lecorra nas eras paleolíticas, quer nos séculos vindouros, há sempre oportunidade de promover aliciente simbiose da ciência pura com a imaginação desenfreada, mas quem quiser aumentar o seu cabedal científico não vai perder tempo, evidentemente, a ler romances de ficção científica, exactamente como quem quiser aprender história não irá procurar nos romances históricos.

A grande virtude da ficção científica é alhear-nos por momentos do trivial quotidiano e fornecer ao nosso espírito o pábulo dietético imposto por uma existência cada vez mais dura e brutalizante. Sob este aspecto, cumpre satisfatoriamente a sua função. Nós, pelo menos, não lhe exigimos mais. Aliás, o seu maravilhoso é se-

O Futebol Português

QUEM, aqui há anos, poderia supor o surto actual do futebol português?

▲▲ Quem, aqui há anos, poderia julgar que equipas que nos venciam facilmente e, até, nos maravilhavam, são hoje mesmo ainda famosas, equipas contra as quais nos batemos de igual para igual?...

A final de Berna pertence, já, ao passado — a vitória sensacional e a fulgurante carreira do campeão. Mas que tudo isso não foi, apenas, fogo de vista, prova-o o jogo contra o Peñarol. Não poderão restar dúvidas a ninguém que a data do primeiro encontro para a Taça Internacional era a menos indicada para o Benfica, pois se verificava numa altura em que os portugueses, em princípio de época, teriam que defrontar uma grande equipa já em pleno rendimento.

E o que se viu — a brilhante vitória do Benfica que lhe rasga amplas perspectivas. Mas não importa, apenas, revelar essa vitória, a todos os títulos merecida. Importa sim, focar a disposição com que o campeão europeu encarou esse jogo — um encontro difícil, mas um encontro mais, apenas. Nada de tolhidos respeitos pelos nomes famosos de jogadores, apregoados a justo título, pelas tubas da fama. Nada disso — apenas personalidade e confiança nos recursos próprios, ainda que, de momento, um pouco diminuídos. E é precisamente esta disposição que nos faz acreditar que o nosso futebol atingiu a idade adulta.

Quatro equipas nacionais iniciaram a época com a responsabilidade da participação em três torneios internacionais de importância. Estes repetidos contactos, esta extensão de participações, trarão ainda maiores benefícios para o futebol português.

Além do mais, e sobretudo devido ao Benfica, aumentou de súbito e grandemente o interesse pelo futebol português. Os convites chegam-nos de todos os lados e o que ontem parecia impossível é, hoje, consolladora realidade. Apenas isto, como exemplo: em duas deslocações à Bélgica, contra o Liège e o Antwerp, o Benfica arrecadará 1.050 contos! quem diria? — o futebol português, transformado em vedeta internacional, a ganhar tais importâncias no estrangeiro... Os nomes dos nossos jogadores têm, hoje, lugar de destaque na Imprensa mundial. E, revelou o treinador Bela Gutman, quando regressou da Bélgica, que até de Londres havia recebido um telefonema de um jornalista a perguntar-lhe qual a doença do jogador Germano.

O futebol português está no galarim. Que todos nós nos compenetrems disso e saibamos aproveitar este momento óptimo para o valorizar cada vez mais.

Agradecimento

Maria Amélia de Matos Peres, na impossibilidade de poder fazê-lo pessoalmente vem, por este meio, apresentar os seus cumprimentos de despedida e bem assim, agradecer às pessoas amigas que lhe manifestaram o seu pesar por motivo do recente falecimento de seu sogro.

melhante ao da literatura infantil. Muitas produções da chamada literatura de ficção científica quase poderíamos filiá-las na literatura infantil, se não fossem as suas pronunciadas «preocupações» científicas. Diríamos com mais propriedade: pseudo-científicas. E passe o paradoxo: grande parte da leitura de ficção científica não é mais do que literatura infantil — para adultos.

J. A. PACHECO
TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13



Regressou S. Excelência o Futebol

AINDA que as equipas algarvias tivessem já disputado alguns jogos de carácter particular, somente no passado domingo o futebol fez a sua apresentação oficial com o começo dos Campeonatos Nacionais da 1.ª e 2.ª Divisão.

Este ano com o Sporting Clube Olhanense englobado na escala «chie» do já conceituado futebol português onde conseguiu ascender novamente após uma ausência que durou cerca de uma década, os entusiastas algarvios terão ensejo de poder ver novamente em acção as melhores turmas portuguesas e observar o nível técnico dos nossos melhores futebolistas.

Na divisão secundária e na Zona Sul, onde farenses, portimonenses e vilarealenses se irão impôr, prevê-se, também, uma luta tenaz e entusiasmada, da qual que em prova estão equipas de pergaminhos a defender, nomeadamente o Barreirense, o Setúbal e o Oriental.

Enfim, ficamos aguardado, dando a palavra a S. Excelência o futebol.

1.ª Divisão

Bom auspício no começo

Olhanense 1 — Covilhã 0

Olhanense: Filhó, Alfredo e José Maria; Madeira, Luciano e Reina; Matias, Gralho, Campos, Mateus e Armando.

Com a ausência de um lote de jogadores que na época transacta gloriosamente teimaram em fazê-lo regressar de novo ao convívio dos grandes, o Sporting Clube Olhanense procurou este ano novos valores que pudessem preencher as vagas verificadas.

Foi, pois, com algumas caras novas, que a turma de Olhão se apresentou para o seu primeiro jogo, no Estádio Padinha, frente à equipa do Sporting da Covilhã, o qual venceu merecidamente pela margem tangencial, ainda que esta não traduzia a ascendência que os algarvios exerceram durante os 90 minutos, sobre o seu adversário.

A vivacidade e a velocidade que o Olhanense imprimiu à partida, especialmente por parte do trio Madeira-Luciano-Reina, confundiu grandemente os visitantes e, se não fora a precipitação que os dianteiros algarvios punham na concretização das suas jogadas e a anulação de uma bola que foi protestada pelos cubistas junto do árbitro que não os atendeu, a vitória dos rubro-negros que só apareceu no último minuto, teria sido mais expressiva.

Dos estreantes, há a salientar a boa actuação do interior Mateus, que, a confirmar exhibições anteriores, vai ser de grande utilidade para o onze algarvio. Armando deu pouco nas vistas tendo porém marcado o gol da vitória; José Maria e Filhó, já nossos conhecidos, não tiveram oportunidade de mostrar a sua actual forma.

Hoje, e a contar para a segunda jornada do Campeonato Nacional da I Divisão, no Estádio Municipal de Coimbra, disputa-se o encontro:

Académica — Olhanense

2.ª Divisão

Portimonense 3 — Campomaiorense 1

Portimonense: Duarte; Jorge e Celestino; Arquimínio, Grilo e J. Luís; Pacheco (ex-júnior), Camacho, Nêne, José António e Mediana (ex-Ovarense).

Abertamente ao ataque e procurando a todo o transe abrir o sistema defensivo imposto pelo Campomaiorense, a vitória não tardou a aparecer aos barlaventinos que apesar do início da prova apresentaram um futebol de agradável bitola.

Sempre a procurar jogar a bola junto ao terreno com sucessivas desmarcações, os homens da Praia da Rocha deixaram boa impressão aos seus adeptos que confiam abertamente na equipa.

Beja 1 — Farense 4

Farense: Mário; Bento e Dias; Reina, Ventura e Vitor (ex-Beja); Florindo, Rialito, Vinagre, Paco (ex-Badajoz) e Queimado

O Farense cheio de caras novas na constituição da sua turma foi alcançar a Beja a primeira vitória.

A insistência dos algarvios ao meio campo dos bejenses e a boa combinação do sector defensivo com o ataque permitiu a estes um resultado expressivo donde se poderá avaliar o actual potencial do team farense.

Montijo 1 — Lusitano 0

Lusitano: Martinez; José Pedro e Gonçalves; Cláudio, Parra e Armando; Campos (ex-Huelva) Vicente, Rodolfo, Marcos e Barbudo.

Sómente o Lusitano, de todos os clubes algarvios, saiu derrotado na primeira jornada de futebol.

Os vilarealenses, porém, resistiram bem, adoptando um sistema defensivo que se manteve em bom plano. Um gol frutuoso para os locais roubou entretanto o empate que os algarvios mereciam.

Jogos para hoje:
Lusitano — Barreirense; Farense — Portimonense.

Ofir Chagas

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Tavira

SANEAMENTO

São por este meio avisados todos os proprietários dos prédios urbanos desta cidade para, durante o mês de Outubro próximo, solicitar guias na Secretaria destes Serviços Municipalizados, a fim de efectuarem o pagamento na Tesouraria da Câmara Municipal, da 2.ª prestação da taxa anual de conservação de esgotos.

Depois desta data podem ainda efectuar o pagamento durante mais 15 dias, acrescido de juros de mora, findos os quais se procederá ao relaxe.

Tavira, 25 de Setembro de 1961

O Chefe da Secretaria

a) George Rosado

Nos Caminhos de Ferro o que é comum divide-se desde logo sem questões nem sobressaltos

Na propriedade comum V. Ex.ª, se for comproprietário, não é obrigado a permanecer na indivisão: pode exigir a partilha.

Mas, nos transportes colectivos que os Caminhos de Ferro efectuam, V. Ex.ª, sem questões nem sobressaltos, partilha, desde logo, do conforto, da comodidade e da segurança que a C. P. oferece.

«Benefícios C. P.» são, pois, benefícios para V. Ex.ª. Fixe bem isto e utilize os Caminhos de Ferro.

UTILIZE-OS SEMPRE!

GAZETILHA

O Pão... que a Cooperativa amassou

Artigo 2.º — Na mesma perda de direitos, prevista no parágrafo anterior, incorrerá o sócio que, por qualquer forma, directa ou indirecta, promova o descrédito da Sociedade ou dos seus administradores, ou lheee occasione prejuizos mesmo de ordem moral.

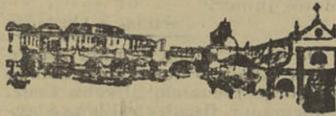
A Cooperativa do pão. Um dos muitos institutos de débil cooperação. Tomou a resolução de alterar os estatutos.

De hoje em fora fica assente Todos dizem está bem. (Truto do tempo presente) Não há nenhum desquite: Palavra de ordem: Amém.

Não pode o associado, Sob pena de ser preso Ou talvez irradiado, Dizer que o pão amassado Fica cru ou não tem peso.

E assim, com tal perspectiva, Diz o povo e com razão: Se os próprios da comitiva Falam mal da Cooperativa Que dirá quem come o pão?

Ignotus



Pela Cidade

Teatro António Pinheiro

— Espectáculos da semana — Hoje, para maiores de 17 anos, *Europa de Noite*, com Domenico Modugno e Carmen Sevilla, em technicolor. Em complemento, *Amazonas*, com Don Taylor e Giana Segale, em eastmancolor.

Terça-feira, para maiores de 17, *Clamor de Vingança*, com Peter Finch e Mary Ure, em eastmancolor. Em complemento, *Sarilho na Televisão*, com Peter Finch e Kay Kendall, em technicolor Vista Vision.

Sábado, para maiores de 12, *Cantinfias no Inferno*, com Mário Moreno e Susana Cora. Em complemento, *Salteadores*, com David Brian e Neville Brand.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Sousa.

A Inauguração da Escola Técnica

Continuação da 1.ª Página

A festa de abertura que hoje se realiza no velho Palácio da Galeria é, pode dizer-se, o início duma nova era para a vida cultural da cidade e, por esse motivo Tavira associar-se-á de alma e coração a essa manifestação como prova de reconhecimento pela obra realizada e cujos frutos não tardarão a surgir.

Neste momento solene estão portanto de parabens todos os habitantes do concelho e nós, com certa justiça, também compartilhamos dessa alegria que todos os tavirenses que se prezam deverão sentir, ao dar-se início ao ano lectivo do seu primeiro estabelecimento oficial de ensino secundário.

O sonho de tantos anos, o mito, como alguns cognominaram, transformou-se em realidade. Agora resta aguardar que essa escola seja veiculadora da mocidade para uma vida melhor.

Transcrição

Foi transcrito do «Diário Popular» a carta «Os que lutam e os que fugiram», que publicamos hoje no nosso jornal.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

S. Gonçalo de Lagos, precursor medieval dos pedagogos modernos

Continuação da 1.ª Página

das: principais fontes dos estudos gonçalinos modernos, características gerais e valor real da iconografia gonçalina e documentos pontíficos que autorizaram o culto de S. Gonçalo de Lagos, consideradas já pela *Imprensa* como *das* mais notáveis que ali foram ouvidas e algumas no próprio Colóquio classificadas de verdadeiramente sensacionais. E eis o texto completo do original trabalho de Antero Nobre:

Subo mais uma vez a este estrado, agora para vos falar de S. Gonçalo de Lagos precursor medieval dos pedagogos modernos; mas, confesso que o faço depois de não pequena hesitação e com imenso receio. Porque constitue, sem dúvida nenhuma, grande ousadia da minha parte, trazer eu tal tema a este Colóquio, de mais a mais nas condições de impreparação prévia e de verdadeira improvisação a que as circunstâncias me obriguem; e não sei, mesmo, se poderá realmente servir-me de desculpa bastante o facto de ninguém mais qualificado ou melhor preparado do que eu, o ter feito a tempo, e haver-se considerado, quase à última hora, a falta desse tema como falha grave no conjunto de comunicações que pretende dar, aqui, uma ideia tão perfeita quanto possível da figura histórica de S. Gonçalo de Lagos, do valor da sua mensagem, da perene actualidade do seu exemplo...

Com efeito, se há faceta da rica e multiforme personalidade de S. Gonçalo que se evidencia bem nas crónicas da sua vida terrena, esta da sua vocação de educador é uma delas; e parece-me, mesmo, folheando os seus melhores e mais fidedignos cronistas, que a par da sua edificante humildade e da sua extrema caridade, é a sua vocação de educador de adultos e crianças o que mais avulta na biografia desta grande figura medieval portuguesa, que os portugueses, infelizmente, têm ignorado ou esquecido. Aliás, pensando assim, estamos — eu e os que concluíam pela indispensabilidade de tal tema neste Colóquio — em muito boa companhia; porque não poderíamos, realmente, ter companhia melhor, nesta caminhada atrás das pegadas de um Santo, do que a do Venerando Bispo do Algarve, e S. Ex.ª Reverendíssima proclamou S. Gonçalo de Lagos Padroeiro das Catequeses da sua Diocese, neste ano do Centenário Gonçalino...

Mas, porque evidentemente não basta pensar que assim é, para conseguir demonstrá-lo, sobretudo a uma assembleia ilustre e por demais exigente como esta, não tive tempo para uma conveniente preparação, que a minha fraquíssima ou nula competência nestes assuntos tornaria sempre motosa — haverão os meus ouvintes de perdoar-me não só a ousadia de aqui vir, mas ainda a pobreza do simples punhado de tópicos, mal expressos e mal cerzidos, que lhes trago agora. A única compensação para todos estará em que, por haver quase de improvisar, terei igualmente de ser muito breve...

2.ª — S. Gonçalo de Lagos viveu na terra, segundo a cronologia hoje universalmente aceite, de 1360 a 1422, Tendo professado, ao que parece, em 1381, dedicou-se logo, com assinalado êxito, à pregação; depois, foi simultaneamente grande administrador de comunidades, escritor notável, mestre na arte de iluminar códices, autor apreciado de livros de cantochoão; nos últimos dez anos, sobretudo, foi ainda catequista de adultos e particularmente de crianças. E dizem

todos os seus biógrafos que se dedicou à catequese com um interesse e uma devoção tão absorventes, que essa última década da sua existência entre os homens quase só a ocupou na missão de ensinar os pequeninos...

Nesse tempo, — primeiro quartel do século XV — o ensino em Portugal, exclusivamente a cargo da Igreja, ministrava-se já em não poucas escolas e estendera-se até a algumas localidades de relativamente pequena importância. As escolas catedrais funcionavam já, praticamente nas Sés de todas as dioceses do país, e as chamadas *escolas paroquiais* em algumas vilas e aldeias, começavam a exercer aquela grande e decisiva influência na cultura da gente portuguesa, que volvide outro quarto de século se assinalaria na história do nosso ensino, como um marco milenário; e dada a importância política da vila de Torres Vedras nesse tempo, dado mesmo que o seu mosteiro agostiniano já então era considerado na Corte e na Ordem a que pertencia, como viveiro de varões ilustres, não só pela piedade, mas pelo saber, a despeito da extrema pobreza em que vivia — é possível que o povo torreense disfrutasse o privilégio de uma *escola paroquial*, quem sabe se funcionando no próprio convento de que S. Gonçalo era prestigioso, amado e venerado prior. Em qualquer caso, pelo menos funcionaria já então, na igreja paroquial de Torres Vedras, aquilo que, talvez ou sem dúvida naquele tempo com outro nome, corresponderia ao que hoje chamamos uma *Catequese*; e em que, afinal, se ensinaria praticamente quase o mesmo que nas *escolas paroquiais*, visto ser exactamente pelo *Catecismo* que se aprendiam as primeiras letras nos bancos das primeiras escolas portuguesas...

Quais eram, porém, os métodos de ensino então usados nas escolas e nas catequeses? Naturalmente aqueles que, nessa época, predominavam em todo o mundo e se baseavam no conceito que, por essa altura, universalmente se fazia da criança.

Ora, a criança, era, nesse tempo, considerada pura e simplesmente como um *homem em miniatura*, sem dúvida *atenhado* qualitativamente, mas com as mesmas possibilidades fundamentais e as mesmas responsabilidades, portanto devendo exercer as mesmas *actividades* dos adultos e como estes se devendo *comportar* na vida; a criança como ser especial, com vida, necessidades e aspirações próprias, portanto com actividades que lhe são específicas e um *comportamento* que lhe é peculiar, tal como a considera a moderna pedagogia e ela é de facto, era então absolutamente *inconcebível*. Consequentemente, os pedagogos quinhentistas, para fazerem a criança pensar, proceder, *comportar-se* e aprender tal como se homem fosse, tinham de *forçá-la* por uma *disciplina férrea* e por vezes brutal, capaz de reprimir tudo o que nela não fosse próprio de um homem, desde as puerilidades do infante e do adolescente, às expansões juvenis; capaz de impedir a alegria e o próprio riso, já que a *sizudez* era uma característica do homem de brios e de saber, e até as simples *brincadeiras* ou *jogos*, que são, ao fim e ao cabo, *exercício* indispensável ao desenvolvimento físico — psíquico do indivíduo e mesmo à formação da personalidade.

Continua na 2.ª página